

KARL MARX: SOBRE O SUICÍDIO.

FERNANDO VIEIRA¹ E THIAGO ARAUJO²

Em 2006 foi lançado o quinto volume da coleção Marx-Engels, capitaneada pela Boitempo Editorial, apresentando ao público brasileiro um título pouco conhecido e, pela primeira vez, vertido ao português: *Sobre o Suicídio*³. Este breve e instigante ensaio foi originalmente publicado no *Gesellschaftsspiegel*, Órgão de Representação das Classes Populares Despossuídas e de Análise da Situação Atual⁴ (ano II, número VII, Elberfeldt, janeiro de 1846), mas não acarretou discussões significativas, tendo permanecido alheio à tradição marxista por várias décadas.

Karl Marx (1818-1883) se valeu das investigações de Jacques Peuchet (1758-1830), um monarquista, policial, estatístico e ex-arquivista que, intrigado com os inúmeros casos registrados de suicídio pelos departamentos de administração e de Polícia, pôs-se a analisá-los e dedicou um capítulo inteiro ao tema (*Du suicide et des ses causes*), em suas Memórias⁵. O ensaio é instigante, mas a primeira reação que emana de suas páginas é a estranheza; um certo desconforto para os que se encontram familiarizados com a obra marxiana:

Não se trata de uma peça escrita pelo próprio Marx, mas composta, em grande parte, de excertos, traduzidos ao alemão, de outro autor. Marx tinha o hábito de preencher seus cadernos de

¹Doutor em Sociologia (UFRJ); Mestre em História Social (UFRJ); graduado em História. Concluiu seu Pós-Doutorado na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF).

²Mestre em Sociologia (IUPERJ), Mestrando em Direito (FND-UFRJ) e professor da Faculdade Nacional de Direito (FND-UFRJ).

³*Peuchet: vom Selbstmord*, no original.

⁴JINKINGS, Ivana. *Apresentação*. IN: MARX, Karl. *Sobre o suicídio*. São Paulo: Boitempo, 2006, p. 9.

⁵*Mémoires tirés des archives de la police*.

notas com excertos desse tipo, mas jamais os publicou, e menos ainda sob sua própria assinatura⁶. (LÖWY, 2006, p. 13)

Ademais, o próprio modo como Marx impõe acréscimos, recortes e aprofundamentos, diverge de seus outros escritos. Não se trata, aqui, de um conjunto de excertos entrecortados por críticas, mas de um todo harmônico, preparado para a publicação, em que as vozes de ambos parecem se complementar: a crítica francesa é apropriada pela crítica alemã. Ao que nos parece, Marx teve duas razões importantes para redigir seu ensaio desta forma. Em primeiro lugar (e obviamente), ele concordara com os apontamentos formulados por Peuchet; em segundo lugar, ele pôde verificar que a sociedade burguesa se assenta sobre uma injustiça tão elementar que nem mesmo um *monarquista*, quando defrontado com a realidade, poderia se manter indiferente a ela.

Tomando o conteúdo pelo título, o eventual leitor poderia indicar o livro como um trabalho marxiano acerca do suicídio⁷, mas Marx excede, como de costume, as expectativas fundadas na imediaticidade. As quatro histórias que compõem a segunda parte do ensaio são casos de suicídio (de três mulheres e um homem), e Marx os utiliza para propor uma crítica à tirania familiar imposta sobre as mulheres, comparando o marido a um senhor de escravos⁸: os índices alarmantes de suicídio correspondem ao “sintoma de uma sociedade doente, que necessita de uma transformação radical⁹”.

O destaque do ensaio são os processos de reificação da *mulher*, identificando-os como um fenômeno que não se restringe a uma classe social determinada¹⁰, ainda que ocorra por mediações distintas a depender da classe em que

⁶Os cinco apontamentos explicitados por Michael Löwy foram originalmente feitos por Kevin Anderson e Eric Plaut. Cf.: LÖWY, Michael. *Um Marx insólito*. IN: *Ibidem*, p. 13-14.

⁷Mesmo que não se esgote no suicídio, Marx ecoa as observações de Peuchet, demonstrando, em diversos momentos a sua concordância e interferindo, quando necessário. Desse modo, antecipa alguns dos elementos constitutivos das observações de Émile Durkheim (1858-1917) em relação ao fenômeno. Denuncia o “absurdo” em se “considerar antinatural um comportamento que se consuma com tanta frequência” (p. 25), ressaltando a necessidade de um estudo do suicídio com base na realidade concreta (“o homem parece um mistério para o Homem; sabe-se apenas censurá-lo, mas não se o conhece”- p. 26). Tendo em vista que “as sociedades não geram todas (...) os mesmos produtos”, é imprescindível manter o rigor científico, rejeitando juízos de valor marcados por uma perspectiva moralista. Afinal, “não é com insultos aos mortos que se enfrenta uma questão tão controversa” (p. 26). Cf. DURKHEIM, Émile. *O suicídio: estudo de sociologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

⁸*Ibidem*, pp. 18-19.

⁹*Ibidem*, p. 16.

¹⁰MARX, Karl. *Op. cit.*, p. 24.

se manifesta. Os casos aproveitados por Marx expressam, justamente, o retrato de uma sociedade alienada, uma vez que a alienação em relação ao produto do trabalho não se esgota na esfera produtiva. Em verdade, o trabalho alienado faz com que os seres humanos se tornem alheios entre si: a sociedade burguesa antagoniza a sociedade comunal; a vida social se expressa por um sistema de egoísmos conflitantes¹¹. É nesse sentido que, para Marx, a realização do comunismo corresponde ao evento histórico no qual homens e mulheres recuperam a sua essência, porquanto seres sociais.

Temos, diante de nós, um excelente exemplo de texto a ser indicado aos que, por desconhecimento ou desonestidade intelectual, reputam Marx como um “mecanicista”, “economicista” ou “determinista econômico”. O ensaio desenvolve uma crítica à sociedade burguesa que não se contenta em abordar suas contradições no âmbito econômico, mas expõe a moralidade burguesa, seus costumes e modo de vida¹². Afinal,

que tipo de sociedade é esta, em que se encontra a mais profunda solidão no seio de tantos milhões; em que se pode ser tomado por um desejo implacável de matar a si mesmo, sem que ninguém possa prevê-lo? Tal sociedade não é uma sociedade; ela é, como diz Rousseau, uma selva, habitada por feras selvagens. (MARX, 2011, p. 28)

Com isso, uma reforma total da ordem social de nosso tempo se apresenta como o único projeto sério para que se estabeleça uma sociedade em que as relações entre os indivíduos se humanizem. Passemos aos casos de suicídio.

O primeiro caso (1816) narra o relacionamento entre dois jovens, uma costureira e um açougueiro. Os noivos não foram capazes de cumprir as formalidades imprescindíveis à época, entregando-se um ao outro. Voltando à casa pela manhã, a jovem foi humilhada e injuriada pelos pais, pelos vizinhos e padrinhos de casamento. Não lhe adiantou tentar se explicar e, em um surto de desespero, a jovem lançou-se ao Sena, morrendo afogada.

Marx denuncia a intolerância dos pais como a arma compensatória de sua covardia; igualmente, o mau uso dessa autoridade expressa o servilismo e a subordinação a que estão submetidas na sociedade burguesa. Ao fim e ao cabo, Peuchet, que ocupava um cargo público pode se negar a entregar o que os pais

¹¹KOLAKOWSKI, Leszek. *The main currents of marxism*. London: W. W. Norton & Company, 2005, p. 115.

¹²Prefácio. IN: *MECW*, vol. 4, p. XXIV.

da moça tanto desejavam enquanto isto esteve sob seu controle: as joias com as quais o corpo foi encontrado. Expõe-se aqui a cupidez e o barbarismo do mundo burguês.

O segundo caso (ocorrido no mesmo ano) conta a história de uma jovem atormentada por seu marido. Este último havia sido acometido por uma grave doença, que destruíra a sua saúde e tornara a sua imagem repulsiva. Oscilando entre a depressão e a ira, ele decidiu-se pelo isolamento junto à esposa, reificada, como mais uma de suas propriedades. Seu cunhado a amava em segredo, mas seus planos de resgatá-la foram em vão: ela não pode suportar os abusos e a tirania, vindo a se suicidar.

Certamente, para todos aqueles que não reduzem o espírito pleno das palavras às letras que as formam, esse suicídio foi um *assassinato*, praticado pelo esposo; mas foi também o resultado de uma extraordinária vertigem de ciúme. O ciumento necessita de um escravo; o ciumento pode amar, mas o amor é para ele apenas um sentimento extravagante; *o ciumento é antes de tudo um proprietário privado*. (MARX, 2011, p. 41)

Estas últimas narrativas – a última, em especial – já parecem abrir caminho para algo que, não raro, surpreende o leitor da obra marxiana. Dentre as propostas elencadas no Manifesto Comunista (1848), Marx dirá:

Supressão da família! (...) A família burguesa desvanece-se naturalmente com o desvanecer de seu complemento, e ambos desaparecem com o desaparecimento do capital. (MARX; ENGELS, 2007, p. 55)

Entretanto, o caso analisado de maior impacto é o da jovem órfã que foi morar com sua tia, casada com um importante banqueiro parisiense. A jovem sofre abusos do marido da tia, vindo a engravidar. Temerosa do escândalo e envergonha pela gravidez, ela procura um médico para pedir-lhe que interrompa a gravidez. Coerente com suas convicções e conhecedor dos riscos legais, o médico se recusa a realizar o aborto. Dias depois o médico lê no jornal sobre o suicídio da jovem. Marcado pelo remorso, o médico se questiona se tomara a decisão correta, uma vez que a alternativa poderia ter salvo a vida da jovem. Essa passagem é significativa. Marx não emite juízo sobre o fato. Não se posiciona a favor ou contra o aborto. No entanto, induz o leitor a analisar o aborto considerando a reflexão do médico.

Mesma estratégia que no Brasil foi adotada por Machado de Assis (1839-1908) acerca da escravidão. Em seu conto, *Pai contra Mãe* (1906), Machado narra a ação de um pai, Candinho, que sem emprego fixo e vivendo com a tia de sua esposa, decide encontrar e devolver ao dono uma escrava fugitiva. Grávida, ao ser presa, a escrava pede ao homem que a liberte. Grávida, temia a brutalidade do senhor que a espancaria até perder seu filho.

No caminho até o dono da escrava, o homem pensa na mulher e na criança. A tia de sua esposa ameaçara levar a criança recém-nascida na roda dos enjeitados, o senhorio da casa em que viviam lhes expulsara por atraso no aluguel. A escrava acaba por abortar o filho ao ser entregue ao dono. Cândido Neves recebe 100 mil réis que lhe permitem manter seu filho. Machado narra a história de forma crua, incisiva e direta. Nada opina, deixando, ao leitor, a reflexão sobre a escravidão e sua realidade concreta. Sabe que os leitores ficarão tensionados com a dor da escrava. Poderão entender Candinho, mas certamente se perguntarão se houve justiça.

Machado de Assis nunca leu Marx. No entanto, a forma como trabalhou a escravidão nos lembra Marx. Se em Marx vemos a sutileza e delicadeza ao tratar da violência e opressão contra a mulher, induzindo o leitor a se posicionar ante o aborto, vemos Machado se utilizar das mesmas estratégias para a reflexão sobre o horror e a indiferença diante da escravidão.

A conclusão em Marx é clara: para as mulheres francesas, marcadas pelo controle dos homens e da família, presas a regras morais que lhe imputavam todos os deveres morais e nenhuma proteção efetiva, o suicídio era a materialização da liberdade negada, a única forma de fugir de uma sociedade indiferente aos seus gritos de socorro. Somente a emancipação dos seres humanos permitiria às mulheres recuperar sua humanidade, libertar-se dos grilhões da opressão masculina. Somente a emergência do comunismo faria com que as mulheres não precisassem recorrer ao suicídio como método de libertação.

TRAD.: RUBENS ENDERLE E FRANCISCO FONTANELLA. São Paulo: BOITEMPO, 2011

BIBLIOGRAFIA

DURKHEIM, Émile. **O suicídio: estudo de sociologia**. Trad.: Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

KOLAKOWSKI, Leszek. **The main currents of marxism: the founders, the golden age, the breakdown**. Trad.: P. S. Falla. London: W. W. Norton & Company, 2005.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. Trad.: Álvaro Pina. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. Trad.: Rubens Enderle e Francisco Fontanella. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Marx and Engels collected works: volume 4 (1844-1845)**. London: Lawrence and Wishart, 1975.